

JORNAL DOS DEBATES

POLITICOS E LITTERARIOS DE 1838.

52.2.425



Publica-se regularmente por Semana ás Quintas feiras. Subscreve-se n'esta Typographia a \$3000 por Trimestre, pagos adiant a

RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DE L. A. BURGAIN — RUA D'ALFANDEGA N. 131.

INTERIOR.

POLITICA.

A sociedade dos homens, assim como o mundo physico, tem tambem suas leis regulares e permanentes, suas vivas harmonias e contrastes, e sua esphera determinada de acção: se os nossos destinos, se os destinos das sociedades estivessem sujeitos *d'rota do acaso*, a vida social não seria mais que uma sanguinolenta ironia, uma amarga irrisão, e um enigma obscuro; então de nada serviríamos no mundo, nem uma idéa, nem uma missão representaríamos; sociedades, governos e povos não passariam de desprezíveis instrumentos de um *acaso* sujeito a tão variadas e caprichosas circumstancias; e de que proveito nos seria o dar tanta importancia a misérias que se revolvem ao *acaso* no tempo e no espaço?

Mas, felizmente para a especie humana, somos dotados todos de uma força creadora e nobre, que nos eleva a cousas maiores; não assistimos a um jogo, onde os caprichos da fortuna fazem rir ou chorar; as sociedades tem uma marcha, um desenvolvimento sujeito a leis determinadas, ora magnificas, ora espantosas, ora brilhantes, ora terribes: a politica, para não ser empirica, aventureira, incomprehensivel, e de paliativos, deve tomar, por base de seus calculos, essas leis, esses principios.

Esboçamos a *crise do Brasil* no nosso primeiro numero d'este anno, quando tomámos conta da redacção do *Jornal dos Debates*, com aquellas côres, e com aquellaphysionomia, comque elle se mostrava a todos os homens de boa fé, a todas as *personas livres*. Nós dissemos então, que a crise que ora dilacerava as entranhas de nosso paiz, era a mais atterradora que havíamos soffrido; e avançamos mais, que o *unico meio* de remover do Brasil essa crise, era a applicação immediata de fortes remedios, e de uma politica firme; aconselhando ao mesmo tempo ao actual gabinete, que se deixasse de *paliativos*, e que tratasse seriamente em regenerar o paiz, em re-

habilitar os costumes, a religião, a politica e a industria. Não pensavamos então, que depararíamos com uma forte opposição ás nossas idéas; não pensavamos então, que homens houvessem, que negassem uma *verdade tão palpitante*, como a que havíamos avançado.

O *Correio Official*, e o *Chronista*, reflectiram, por acaso, bem no que disseram? Nós julgamos que não; por que o parallelo que elles apresentaram, do Brasil com a França, os Estados Unidos e a Inglaterra, prova evidentemente a sua ignorancia de todos os principios, e curtas vistas historicas.

Entre a severidade encomendada *verdade* e as brilhantes ficções da *lisonja*, nós escolhemos a primeira, por que somos Brasileiros, por que amamos o paiz, onde nascemos, e por que somos livres; e este sentimento dos nossos deveres nos levou a *lillar a verdade*, embora desagradassemos aos partidos, embora chamassemos contra nós a colera de todos os homens, que, como disse um nosso *correspondente*, depois de contar o dinheiro, — exclamam — *Estdmos no melhor dos mundos possiveis*. —

Nós somos Brasileiros, amamos o Brasil, somos livres, e porisso não sabemos lisongear, nem mesmo o paiz em que tivemos a fortuna de ver pela primeira vez a luz do dia, mormente com sacrificio da verdade, que a ninguém é dado augmentar, diminuir ou modificar, segundo as circumstancias.

A tactica até aqui seguida por todos os *redactores officiaes*, é novamente reproduzida pelo nosso collega, actual redactor do jornal do governo: os precedentes de seus antecessores serviram-lhe de guia na discussão, que devia encetar. Para taes redactores não ha crise no Brasil tudo no presente lhes sorri com o praser nos labios, e a alegria no coração; o passado sim, o passado somente foi horrivel e tenebroso: mas ja cessou a tempestade, e a mais serena bonança succedeu a tão luctuosas épocas; o futuro se lhes apresenta tambem brilhante, e doirado, como o presente.

Mas, infelizmente para elles, os seus calculos baldam-se com o andar dos annos; esvaecem-se as suas promessas, e

as profecias dos seus adversarios se realisam; o paiz caminha cada vez mais apressadamente para o precipicio. Nós julgámos pessima essa tactica, de pintar um lindo painel do presente, no meio das dores de um povo inteiro, no meio dos gemidos de um sem numero de familias emigradas das duas provincias das extremidades do Imperio, e de uma do centro; por que, se acaso os governos esses mesmos governos, que os *convidam* a defeder seus actos, tem a fortuna e arte de salvar o paiz do meio das ruínas de regenera-lo, em fim, pouca gloria, poucos agradecimentos do paiz merecem, por isso que *tudo vogava em um mar de rosas*, e por isso facilíma era a salvação do paiz, quando elle não estava em perigo.

Nós havíamos dito, que a sociedade brasileira não se baseava sobre as quatro unicas bases solidas, que sustentam um edificio social *moral, religião, politica e industria* que a perda das crenças e dos costumes era a causa principal das épocas criticas; e que, portanto, nós estávamos em uma d'essas épocas criticas, porisso que os nossos habitos e costumes se achavam na mais completa depravação; que a *actual quadra era a mais critica*, por isso que, depois que começou o elemento revolucionario a grasar no Brasil, hoje mais que nunca devorava a immoralidade o coração dos nossos patricios, vazio de todos os sentimentos nobres. Eis o que avançamos, e o que o redactor do *Correio Official* nega.

O nosso correspondente X X avançou mais, que a quadra actual era a continuação da revolução do Brasil, que começa com a nossa independencia, ou mesmo começa em 1796, com as desordens da Bahia, e as de Minas Geraes, e cujo fim talvez nos não seja permitido o presenciar: provou com a historia de todas as acções, que as revoluções não duram um dia, mas sim se estendem ao longe por largos annos, com mais ou menos força, com maior ou menor impeto.

E o que faz o *Correio Official*, á vista de tantos documentos? Toma a causa por sua, julga-se insultado na sua honra e na sua *probidade*, e em duas grandes

columnas do seu *jornal* descobre ao publico a maneira por que se encarregou da redacção do *jornal do governo*, ignorando até a quantia que se lhe devia dar por recompensa, levado somente por um fim patriótico. Quanto ao mais, diz somente, que crises houveram já no Brasil maiores do que a actual; a da *independencia*, e a de *Sete de Abril*.

Apesar de que já fosse esta questão bem debatida pelo nosso correspondente X. X., contudo expendemos sempre algumas idéas nossas.

Quando, cansados de soffrer um jugo tão pesado, como o que nos impunha a nossa metropole, soltamos o grito da *Independencia*, todo o Brasil se reuniu, formou uma só pessoa, lutámos contra um povo estrangeiro, defendíamos nossos direitos de homens, e de nação, e todas essas circumstancias provam que não era tão critica a época, como nos quer fazer crer o *honrado redactor*. Além d'isto, outras cousas militavam a nosso favor; nossos costumes não estavam pervertidos, nossa moral se não revestia ainda da força do *ouro*, eramos religiosos e tínhamos uma idéa fixa de progresso e de união, um fim a que nos propunhamos.

Em *Sete de Abril* já mais critica era a época: a immoralidade tinha já descido da Corte para o povo; interesses pessoais e vistas de egoismo já se apresentavam em campo; a religião tinha perdido um tanto de sua força, as instituições, não tendo sido respeitadas pelas autoridades, tornavam-se nullas para o povo; porém ainda, como na *Independencia*, se uniram todas as provincias, e adoptaram a revolução.

E hoje, o que vemos em torno de nós? A immoralidade cresceu ainda mais, os costumes completamente se depravaram; a religião de nada serve; é um fantasma sem graça e sem espirito; tres provincias se acham na mais completa anarchia; o fogo revolucionario, atizado pelas ambições, lava mais fortemente, de tal maneira, que novos desordens, novos movimentos se esperam em algumas mais provincias.

Remédios promptos, e não *Paliativos*, gritámos nós; e esse nosso grito é considerado pelo R. do *Correio Official*, como dado sem fundamento. A nossa sociedade não pode subsistir sem uma regeneração; a historia das nações estrangeiras o mostra, a nossa propria experiencia o affirma, e por ventura deixaremos ir os negocios á revelia? Não; ousaremos continuar a defender os interesses do paiz, preferindo-os aos interesses particulares; ousaremos sustentar as nossas opiniões, e emittiremos como *frankessa e liberdade* os nossos sentimentos.

Como já nos estendemos bastante, e ainda entretanto devamos desenvolver algumas idéas, que nos restam, sobre o

parallello que imaginou o *Chronista*, do Brasil com a França, a Inglaterra, e os Estados-Unidos, voltaremos ao mesmo assumpto no proximo numero.

VARIEDADES.

UM ULTIMO ADEOS.

Oh! ainda me persegue a lembrança dessas horas felizes, que a seu lado passeava!... Então me embriagava com seu sopro divino, sorvia o perfume, as delicias que ella respirava, em quanto a natureza inteira repousava envolta nas azas de um somno tranquillo, e não me lembrava que um porvir de dores substituiria tão rissonhos instantes, não pensava que o destino me preparava tão aziagos dias!

Estas lamentações escapavam dos labios de um joven que, banhado em lagrimas, estava sentado ao lado de um velho sacerdote, que em vão esforçava-se em consola-lo. — Meu filho, só Deos é grande! —

— Não sei ainda como possa contar os soffrimentos e os penares, porque hei passado!... Vós, que passastes toda a vossa existencia, desde o berço até a velhice, a remechar as contas d'esse rosario, e a repetir vossas orações, não podeis ter idéa das angustias e inevitaveis effeitos de uma paixão amorosa! —

— Talvez! — repetio em baixo tom o velho. O quarto, em que ambos se achavam, era pequeno, e tinha duas pequenas janellas, que deitavam para a praia de N. S. da Gloria, d'onde se gosava da deliciosa vista do mar, das fortalezas, ilhas, navios, e montanhas, que embelleçam a vasta bahia da cidade do Rio de Janeiro. Nove horas da noite tocaram os sinos de S. Francisco de Paula, e foram immediatamente repetidos esses sons em Santa Theresa. Nem uma luz esclarecia o quarto, se exceptuamos a da lua, que enfiava seus brilhantes raios por uma janella, que estava aberta. O ronco e monotono murmurio das vagas, que se despedaçavam sobre as lages, o triste canto dos pretos que passavam, e o rumor de algumas carruagens, interrompiam de quando em quando a conversação dos dous individuos.

Ella era um anjo de candura; em seus olhos reflectia toda a pureza e innocencia de sua alma, e eu a perdi, perdi-a para sempre! —

E n'este momento um soluço embargou-lhe a voz, e algumas lagrimas se desprenderam de seus olhos. Elle e o seu companheiro se levantaram, apressaram-se da janella, e lançaram os olhos para arua. Passava n'esse instante uma riquissima carruagem pertencente a uma grande personagem, puxada por quatro lindissimos cavallos: d'entro ia uma familia, que se dirigia a um magnifico baile. O sacerdote pareceu dizer. — Eis o contraste! eis o mundo!... Uns passeiam sobre os tumulos de outros, estes zombam e divertem-se quando aquelles choram!

A claridade da lua descobriu os dous semblantes: um já idoso, e atravessado de rugas, que o intercotavam em diversos sentidos; o outro, ainda que pálido e melancolico, não denotava ter de idade mais de 23 annos.

— Oh! quantas vezes, continuou o mancebo, quantas vezes, com a alegria na alma

e o sorriso nos labios, eu a vi brilhar no meio de uma esplendida sociedade!... Todos os olhos sobre ella se fixavam, e todos os espectadores pareciam entre si dizer: — Feliz de quem fór por ella amado! — E eu me enchia de orgulho e de vaidade, porque estava certo do seu amor, e porque também a amava!...

— Paciencia, filho, paciencia cuidas, que também não soffri na minha vida?

— Vós!... Desde a infancia destinado ao celibato!... E' impossivel! No vosso estado não ha amor!

— Infeliz! murmurou o velho. — Morte, barbara morte! Porque a não deixaste viver mais dous dias, que ella seria ainda minha!... Ou para que, quando me roubaste sua preciosa vida, me não levaste em sua companhia? Porque não abriste um tumulto para ambos?

Então, pela primeira vez vio-se calir uma lagrima dos olhos já cansados do bom sacerdote; elle prestes a enxugar, e apertando a mão do mancebo nas suas, o reconduzindo para o mesmo logar, onde no principio estavam, sentaram-se de novo, e assim lhe fallou.

— Vieste, filho, á minha casa, ao pobre alvergue de um velho sacerdote, confiar-lhe tuas penas, contar-lhe tuas dores; agora é do meu dever o consolar-te, e o unico remedio que me occorre, é também narrar-te um facto da minha mocidade, que decidio da minha vida inteira. Partilhemos mutuamente nossas tristezas: a partilha diminue as magoas.

Lançou mão o sacerdote de um crucifixo de prata, que estava pendurado, e depois de lhe imprimir um religioso osculo, rogon a Deos de lhe desculpar o que elle ia fazer.

— Vou reabrir uma ferida que bastantes dores me causou, e que perante os altares jurei esquecer: escuta-me com attenção.

Houve um momento de silencio, durante o qual mutuamente se interrogaram os dous mysteriosos amigos; findo elle, o sacerdote continuou da maneira seguinte.

— Tu perdeste, dias antes de teu matrimonio, aquella que devia ser tua esposa e companheira; foi uma morte natural, e isso deves agradecer ao céo; porém ent... eu vi arrancar-me dos braços aquella a quem tinha dado meu amor, minha vida, minha alma, sem ter a força e a coragem de a disputar ao despotismo e orgulho paterno!

— Pois vós amastes, senhor! um sacerdote, um religioso!

— Antes de o ser, era homem, e ainda, perdi-o, oh meu Deus, não me tinha dedicado a este sancto ministerio!

— Não — soffrestes, oh meu pai, mais do que eu, ora soffro!...

— Minha memoria, replicou o velho, não é mais que o tumulto de uma felicidade perdida; e a unica esperança, que me alenta, está collocada no Senhor, para que, em sua bondade me faça breve baixar ao sepulchro.... Eu chamo-me Henrique, e sou natural d'esta cidade: na minha infancia me destinava á profissão de advogado: um pensamento nobre me fazia escolher esta honrada profissão, e na verdade, o que ha ali de mais bello, de mais sublime, do que a missão do advogado?... A humanidade é seu alvo, a justiça o meio de que se serve; elle disputá ao cadafalso a vida de um homem innocente ás vezes!... Mas, infelizmente, meu

destino devia ser outro. Perto de minha casa morava uma lindíssima donzella, por nome Eugénia; eu não pude ver seus encantos, não pude ouvir sua harmoniosa voz, sem me deixar prender por essas cadeias, que no mundo se chama amor. Amor, então dizia eu comigo, Amor é um fogo celeste e immortal, que Deus nos outorgou para por elle subirmos ao céo, deixando todas as nossas illusões mundanas!... E' um sentimento espirital, que destroe os pensamentos terrestres e grosseiros; é uma aureola brilhante, que illumina a alma!..

Aqui o semblante do bom velho pareceu recuperar todo o esmalte e rubor da mocidade; seus olhos scintillaram, e seu peito com força batia..... O mancebo olhava para elle, estupefacto, e ouvindo suas desventuras, já se ia capacitando, que ellas não eram inferiores ás dores que então o assaltavam.

— Eu a amei, e amei-a com todo o ardor da mocidade e do clima; na idade de 24 annos e Brasileiro, como querias que esta paixão me não enloquecesse? Oh! meu Deus, se me tivesses então dito, que aquella belleza não era mais que terra dotada de um sopro de vida, eu te diria. — Não! Quem conheceu Eugénia, quem viu seus grandes e negros olhos brilharem em uma sala, quem ouviu deslizar de seu peito sons mais doces, mas melancolicos, do que essas decontadas actrizes europeas, com que esses jovens, vindos da França e Italia nos atroam os ouvidos, essas Malibrans, Pastas, Grisis, Catalanis; quem ouviu a harmonia que parecia nascer sob seus delicados dedos, quando ella se aproximava do piano, harmonia celeste, superior aos sonhos dos mesmos musicos; quem a ouviu echoar Freischütz, do divino Weber; Dom João, do sublime Mozart; Fidelio, do melancolico Beethoven, não pôde erer que as mulheres não sejam mais que um vil pó, ludibriomaterial dos caprichos do homem.

Mas ella era filha de um rico negociante da praça do Rio de Janeiro, e meu pai era um pobre lavrador!

E um melancolico silencio houve entre os deus: o velho enxugou uma lagrima, que lhe ia regando as faces, e aproximou-se da janella, como para gosar da branda viração, que entrava pela casa dentro. O moço, ainda que não se movia, o acompanhava curiosamente com os olhos. Dez horas soaram, e as carruagens dos hailerinos ainda passavam. Depois de um momento de repouso, durante o qual o sacerdote tomou uma pitada de rapé, para aliviar a imaginação, chamou o mancebo para a janella, e observando a lua, que esplendidamente brilhava no firmamento, lhe disse:

— Repara como a natureza se esforça em fazer d'esta terra o paraíso do mundo!... Que ha no globo mais soberbo do que a entrada d'esta capital?... Estas montanhas tão verdes dão um ar de magestade e de grandesa á minha patria; incute o respeito no animo dos estrangeiros que aqui chegam; e entretanto, se exceptuarmos a magnificencia da natureza, que cousa temos por nós feita, que dê idéa ao mundo civilizado de que nós existimos?... Tudo quanto é grande, bello e immortal, não tem entrada nos nossos lares; mesquinho espirito de revoluções e de anarchias é que nos domina. Não temos grandes monumentos, que demonstrem á posteridade nossa religião e nosso amor ao paiz; mas temos em compensação

excellentes e riquissimas salas de baile; poucos sabios, d'estes sabios de nome popular, apparecem entre nós, entretanto contamos entre os nossos mancebos mil optimos dançarinos e modistas!

— E' verdade — murmurou o moço! — Em uma tão bella noite, como esta, o celeste alcaçar estava coroado de mil estrellas, e os campos do Rio Comprido offereciam um excellente repouso ás pessoas cansadas dos trabalhos diurnos. Eu estava sentada com Eugénia, recostados a uma arvore ás margens de um pequeno regato; eu lhe dizia mil d'essas doces palavras, com que os namorados affirmam suas phrases, e ella suspirava. — Henrique, me disse ella por fim, é mister que nos separemos, e para sempre: este é nosso ultimo adeos! — Como! não é possível, repliquei-lhe eu. — Nossa vida, continuou ella, é semelhante ás aguas d'este regato; murmurando ellas deslisam, e quando encontram qualquer pequena pedrinha, recuam e procuram outro caminho. Eu te amei e te amo, apesar das prohibições de meu pai. Elle me quiz forçar a casar-me com um seu caixeiro; e como eu, com coragem e firmeza da alma, não aceitei o partido que elle me propunha, hoje me affirmou e até jurou, que eu entraria em menos de oito dias para o convento d'Ajuda!

— Eu nada disse, abri sómente grandes olhos, e quasi que perdi os sentidos; ella continuou: — Coragem, Henrique, coragem e resignação necessitamos. — Coragem! como é possível tão facilmente tranquilisar-me? Na noite do tumulo tudo está tranquillo, eu para elle me preparo. — Oh meu Deus, meu Deus!... Como te preparas á morte, quando nunca teu olhar foi tão suave e brando, nunca alegria celeste reverberou como agora no teu semblante? — E' o começo dos soffrimentos; mas socega, eu me lembrarei sempre de ti no convento; no meio das minhas orações tua imagem me sustentará; e quando nas horas do repouso me achar na minha cella, meu pensamento te irá arrancar do seio dos penares, e te dará a paz que procuravas. — Oh piedade!... — Uma só cousa peço, porque conheço o grande amor que me tens: é de te não deixares abater por tão dura sorte; não procures um refugio na morte voluntaria; conserva teus sentimentos religiosos, e não queiras loucamente imitar esses pretendidos sabios dos tempos antigos, que, por fraquesa ou loucura, se suicidavam. Juras-me? E' meu derradeiro rogo no meu ultimo adeos. — Juro-te. — E uma alegria pura e sublime brillou em seu semblante. N'esse momento solenne se assemelhava elle a um anjo baixando á terra... sua candura, sua tranquillidade são superiores a todas as descrições. Foi nosso ultimo adeos!

— Ella entrou oito dias depois para o convento d'Ajuda; um anno depois eu a vi outra vez, mas não fallámos; era o dia de sua profissão; a igreja estava cheia de povo curioso de assistir ao enterro de uma infeliz victima do orgulho paterno. Ella assistio muito tranquillamente ao sermão, que pregou o insigne Fr. Sampaio, e ao sancto sacrificio da missa: os sinos dobraram o dobre da defunctos logo que finalisou este acto; e eu... eu tinha no entanto perdido os sentidos, e quando tornei a elles, eram nove horas da noite, e me achava em casa de um meu amigo, deitado em uma cama com um medico á cabeceira. Deixei, logo que me achei

completamente restabelecido, todas as minhas idéas mundanas, e tomei o habito de Santo Antonio; no convento passei toda a minha mocidade. Uma noite, ainda me lembra, estava o céo negro, e a chuva com força banhava a terra; os raios galpavam no firmamento e eu fui chamado para ir confessar uma infeliz, que estava nos paroxismos do morte. Dirigi-me ao convento de N. S. da Ajuda, e qual foi minha admiração, quando reconheci a minha Eugénia, na miserrima para quem de antemão se abria a sepultura!... Ella tambem me reconheceu, e agradeceu a Deus por esse favor. Ouvi a sua confissão com religiosa attenção, e ella fez com toda a seneridade e candura: depois de cumprir com o dever que me impunha o meu cargo, de ajuda-la a bem morrer, pedi-lhe a mão para imprimir-lhe um ultimo beijo, e ella com tranquillidade m'a deu... Ainda estava no seu dedo minino um anel de brilhantes, que lhe havia eu dado! N'essa mesma noite, morreu!

O mancebo olhou attentamente para o velho sacerdote, e lhe disse: — Eu imitarei vosso exemplo.

Esta historia encontrei eu em um manuscrito pertencente a um frade de Santo Antonio, qua já não existe! Os nomes são talvez um enigma, porém o facto me foi assegurado por veridico. P. S.

CORREIO OFFICIAL.

— Foi o Sr. Grandjean, architecto, nomeado pelo Ex.^a ministro interino do Imperio, para formar o plano, por que se deve construir o Collegio — Pedro Segundo — collocado no imperial seminario de S. Joaquim. Como conhecemos o talento do Sr. Grandjean, podemos affirmar que foi boa a escolha que d'elle fez o Sr. Vasconcellos.

— O Sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva foi nomeado presidente da assemblea provincial de S. Paulo. Se no meio de tantos males, que ralam o nosso paiz, se no meio de tantas e tão terribes desordens por que passámos, ha uma idéa consoladora, um nobre pensamento, uma esperanza, enfim, que, não como outras tantas, que havemos formado, deva realisar-se, é sem duvida a aprasivel noticia de que o Sr. Andrada, na assemblea provincial, apesar da sua avançada idade, mostra ainda aquelle enthusiasmo pelo bem do seu paiz, e aquella força de caracter e firmeza, que o caracterisavam. Arredado da scena politica, ha já quatorze annos, e deputado hoje nomeado á assemblea geral legislativa pela sua provincia, o Sr. Antonio Carlos tem em si fixados os olhos de todo o Brasil. Os partidos o temem, e por isso o lisongeam. O ministerio estremece á idéa de que elle passe para o partido da opposição; e esta, procurando desde já unir-se a elle, o proclama como o unico homem capaz de salvar o paiz. A sua posição na camara é lisongeira e brilhante, e por esta mesma razão muito delicada e espinhosa. Esperámos, contudo, que este bravo athleta da liberdade legal, o irmão do illustre autor da nossa politica independencia, reconheça bem a situação do Brasil, e saiba servir os grandes interesses do paiz, sem prestar attenção aos interesses dos parti-

dos. A divisa da sua familia foi sempre — *Honra probidade e puro patriotismo* — o Sr. Antonio Carlos não pode aceitar outras principios, não pode defender outra causa, que não seja aquella por que pugnam sempre esses homens que, a despeito dos insultos dirigidos contra elles pelos diferentes partidos, tem sabido conservar uma grande popularidade e uma honradez a toda a prova, qualidade muito rara nos nossos tempos, e nos nossos homens de estado. Esta qualidade, distinctivo da familia *Andrada*, e de alguns poucos *privilegiados* no Brasil, é uma forte muralha contra os ataques dos inimigos do Sr. A. Carlos; e so ella basta para arredar d'elle os insultos, insidias, que lhe elle armarem os partidos.

Partio na terça feira o Exm. Marquez de Barbacena para a provincia de Minas Gerães.

O redactor do *Correio official* diz no seu N. 23 que — nem um navio tem entrado da Bahia que elle não tenha dado immediatamente conta do estado da provincia; e que não poucas vezes tem andado adiante dos mais periodicos d'esta cidade. — Demo-nos ao fastidiosissimo trabalho de revolver a colleccão d'este mez, e uma só vez achámos que o *Correio* muito resumidamente publicou noticias da Bahia no mesmo dia que os outras jornaes; em todas as outras occasiões sempre as publicou dias as dias depois dos outros. Ah! vão factos:

Em 31 de dezembro, entrou o paquete *Lyra*; só no dia 4 de janeiro é que o *Correio* se dignou dar-nos as noticias por esse navio trazidas.

Em 7 de janeiro, Pol. *Therese*. No dia 11 transcreveu o *Correio* as noticias do *Diário* do dia 8.

Em 11 de janeiro, Brig. *Lord Goderich*. No dia seg., por um esforço extraordinario,

deu o *Correio* algumas linhas, porém muito mais resumidas do que aquillo que, no mesmo dia, publicaram os outros jornaes.

Em 13 de Janeiro, Barca de vapor. O *Correio* publicou noticias em 23 e 25 depois das outros jornaes.

LANCETADAS.

— Uma das mais celebres maximas de *Machiavelli* é admiravelmente desenvolvida e praticada pelo *Parlamentar* — Calúnia, calúnia. Quando ocarvão não queima, enegreço.

— Parece que, segundo os auctores de *Anatomia e Pathologia*, um governo não tem obrigação de notificar ás potencias estrangeiras a existencia e regra dos bloqueios.

— O *Chronista* e o *Parlementar* tem um tão profundo respeito á verdade, que se conservam sempre em uma grande distancia d'ella.

— O *Chronista* escarnece do Sr. Magalhães por abaixar-se a ensinar. No pensamento d'este jornalista, a unica profissão alta e nobre é a de andar ao ganho com o cesto das costuras.

— O *Chronista* declara ao respeitavel publico d'esta capital, que elle não é ministerial, mas sim é somente governista. Risum teneatis?

Item promette d'oravante fallar sempre a verdade, e roga aos seus subscriptores, que se esqueçam do quantas mentiras e falsidades levantou elle, logo que subio o actual ministerio, sobre tudo na parte das nomeações.

Item afirma mais, que não tem subscrições nem-umas do ministerio, e por isso faz-lhe opposição pelos actos máos que elle pratica.

Item, para mostrar a sua modestia e decencia, promette não aceitar mais artigos de *beijinhos do paço*, e communicados sobre o *Camarenguê Sete de Abril*; nunca faltam promessas de um moço de tanto espirito, e que, apesar de ser criança, não faz crianças.

Item elle tão bem conhece as idéas de *Saint-Simon*, que afirma que estão em harmonia com as do *Christianismo*, tal qual existe! — Grande cousa é ser charlatão! —

— Questão importante. Ha no Brasil aigüem mais imbecil do que o correspondente escholastico — A. P. P. — do *Diário de Rio?*

Recebendo neste momento um exemplar das *Posturas* da camara municipal, de que se nos pede a publicação no nosso jornal, pela razão de que são ellas ignoradas, resultando disto graves damnos ao publico. Como nos fálte espaço neste numero, publicamos somente o §. 7, que nos parece mais interessante, guardando para o proximo numero a sua inteira inserção.

7.º Logo que qualquer individuo se pretenda mudar de uma para outra casa, ou seja chefe de familia, ou aggregado, não o poderá faser sem que se apresente ao official de quarteirão, que lhe dará uma guia, em que declare seu nome, numero da casa em que morava, e o d'quella para que vai residir; esta guia será apresentada pelo individuo ao juiz de paz que a rubricará, elle servirá de passaporte para ser admittido no lugar em que for morar. Quando o individuo se quizer retirar para fora do termo, ou provincia, apresentará a guia á autoridade encarregada de dar-lhe o seu passaporte, sem o que este será negado.

RELAÇÃO DOS TRABALHOS DO TRIBUNAL DO JURY NO RIO DE JANEIRO DURANTE DO MEZ DE JANEIRO.

SOB A PRESIDENCIA DO JUIZ DE DIREITO DA PRIMEIRA VARA DO CRIME, DR. José Ignacio Vaz Viçair,

PROMOTOR INTERINO O DR. Francisco José Ferreira Baptista.

FORAM JULGADOS EM SEGUNDO CONSELHO QUINZE PROCESSOS.

NOMES DOS REOS.	CRIMES.	SENTENÇAS.	NOMES DOS ADVOGADOS.
Francisco Antonio de Aguiar filho.	Esfupro e filicidio.	Condenado á morte.	João Manoel Pereira da Silva.
Pardo Manoel.	Tentativa de assassinato.	Item.	Carlos Antonio Cordeiro.
Bernardo Pinto.	Assassinato.	Item.	João de Carvalho de Souza e Mello.
João Marcellino de Araujo.	Item.	Galés perpetuas.	José Maria Frederico de Souza Pinto.
João de Oliveira Maia.	Item.	Vinte annos de prisão com trabalho.	Francisco José Acavaba Montezuma.
Antonio dos Santos Corroia.	Boubo.	Oito annos de prisão com trabalho.	Justiniano José da Rocha.
José Francisco.	Item.	Quatro annos e 6 mezes de prisão com trabalho.	Indefeso.
Elias Machado Nunes.	Item.	Item.	Josino do Nascimento Silva.
Raimundo dos Santos Garcia.	Item.	Quatro annos.	João Manoel Pereira da Silva.
Hermenegildo Antonio Gomes.	Complicidade em furto de escravos.	Trez annos.	Indefeso.
Antonio José da Silva.	Item.	Dois annos e 8 mezes.	João de Siqueira Queiroz.
Benito Pereira.	Item.	Dois annos e 1 mez.	Carlos Antonio Cordeiro.
Joaquim Minas.	Item.	Quatrocentos açoites.	Indefeso.
Crisolo Narciso.	Item.	Cem açoites.	Item.
Francisco José Caetano.	Por deixar fugir presos, estando de guarda.	Um anno de prisão com trabalho.	Thomas José Pinto de Serqueira.

NENHUM FOI ABSOLVIDO.